

**ACADEMIA DE LETRAS
DA BAHIA**

DIRETORIA BIENIO 1985/1987

Presidente:
CLÁUDIO VEIGA
1º Vice-Presidente:
EDIVALDO M. BOAVENTURA
2º Vice-Presidente:
JOSÉ CALASANS
1º Secretário:
ANTONIO LOUREIRO DE SOUZA
2º Secretário:
CLÓVIS LIMA
Tesoureiro:
RENATO BERBERT DE CASTRO
Diretor da Biblioteca:
HILDEGARDES VIANA
Diretor da Revista:
HÉLIO SIMÕES



Diretor Executivo:
CARLOS CUNHA
Bibliotecária Chefe:
MÁRCIA SAMPAIO OLIVEIRA
Arquivista Chefe:
JANETE AGUIAR RIBEIRO



**RECEPÇÃO DO ACADÊMICO
JORGE AMADO**

em 7-3-1985



8/PA. 1a
A.532
por (BR)
1985
ex.05

Discurso de Jorge Amado

Senhores Acadêmicos,

NÃO fosse o smoking, traje tão distante de meus hábitos de vestir, e eu vos diria, Senhores Acadêmicos, que na Academia de Letras da Bahia sinto-me em casa, inteiramente à vontade.

Minha casa por se tratar de um cenáculo de letras, instituto de cultura, ao qual estive sempre ligado sobretudo após realizar, há cerca de um quarto de século, o sonho longamente acalentado de construir na cidade da Bahia morada para mim e para os meus, com árvores de frutas e jardim de flores, com animais, gatos e cães, sapos, calangos e cigarras, passarinhos livres de ir e vir nos céus do Rio Vermelho.

Tendo embarcado num Ita para o sul do país em 1930 e tendo percorrido desde então os caminhos do mundo numa vida vivida ardentemente, ao retornar, em 1961, para projetar e iniciar a construção de minha casa, pude afirmar que, em verdade jamais me afastara da Bahia pois a conduzira mundo afora, fosse no coração amante de meu chão de nascimento, fosse nas páginas dos livros que no correr do tempo fui escrevendo e publicando, neles

recriando a vida baiana, nos cenários das matas de cacau, dos atalhos do sertão de beatos e cangaceiros e nas ruas, becos e ladeiras de Salvador. Não me distanciei em nenhum momento da Bahia porque a realidade de sua geografia física e humana tem sido o barro de minha criação ficcional: em sua beleza e em seu sangue eu a amassei. A Bahia esteve sempre comigo onde quer que eu estivesse e, de livro a livro, dei testemunho de sua grandeza e de sua miséria, da fome e da esperança, da pobreza e da força do povo, da fundamental alegria de viver que nos alimenta e marca a invencibilidade de nossa luta, garantia do futuro. Assim li-guei de forma indissolúvel a presença da Bahia à minha novelística e se hoje meus livros são lidos e estimados nos quatro cantos do mundo, essa universalidade eu a devo exatamente à ligação tão entranhada do escritor com o povo que é sua fonte de inspiração, matéria prima de seu trabalho criador.

Na Academia de Letras da Bahia, casa da cultura baiana, encontro-me entre os meus próximos, meus companheiros de ofício, com quem mantenho laços profundos, tantas vezes de amizade, sempre de admiração. Por isso mesmo, evitei citá-los neste discurso de posse pois, se o fizesse, teria de desfilar a relação completa dos senhores acadêmicos e esgotaria o tempo deste discurso dizendo sobre cada um as palavras de afeto e / ou de apreço que me merecem quantos aqui se reúnem para criar ou estudar.

De muitos sou velho amigo, de alguns amigo fraterno e posso referir-me a amizades nascidas nos começos da década de vinte, nas salas de aulas e nos pátios de recreio do Colégio Antônio Vieira, nos Coqueiros da Piedade, quando, levado pelo inesquecível Giovanni Guimarães e por Mirabeau Sampaio, pertenci à Liga Restauração dos Ideais, grêmio litero-religioso que se propunha estimular vocações literárias e artísticas e defender a moral e os bons costumes, a fé e a castidade.

Poucos anos depois, no final da mesma década de vinte,

ligou-me a outros futuros acadêmicos a batalha que então iniciávamos pela revolução literária; estávamos dispostos a apagar da literatura as escolas ditas passadistas e impor os conceitos modernistas, as audácias futuristas. Naquele então as idéias viajavam em vagarosos meios de comunicação, demoravam a atravessar o Atlântico e a revolução formal, que explodira na Europa após a Primeira Grande Guerra Mundial, chegara ao Brasil com o atraso de alguns anos e levava outros tantos a deslocar-se das metrópoles do sul do país para as distantes províncias do norte. Nem assim era menor o nosso fervor revolucionário, a insolência de nossas afirmações, a gritaria atoadora com que pensávamos abalar os alicerces da cultura estabelecida, a nosso ver superada e reacionária, indigna dos tempos novos do após-guerra. Hoje podem nos parecer ingênuas muitas das bandeiras erguidas naquele então - "Abaixo a rima!" "Morte à métrica!" e outras semelhantes - mas na década de vinte eram válidas, causavam pânico, alarmavam os bem comportados, desencadeavam por vezes reações violentas.

Mas não apenas com o combate à rima e à métrica nos dispúnhamos, os moços do Arco & Flecha, do Samba e da Academia dos Rebeldes, a renovar a literatura brasileira e a influir nos destinos da literatura mundial. Para impor tão singular projeto, fomos bem além de palavras de ordem assim irrelevantes. Desejo recordar que um daqueles moços, José Alves Ribeiro, poeta e ensaísta, escreveu, no editorial do primeiro (e único) número da revista "Meridiano", que nossa luta era por uma literatura que fosse universal por ser nacional, inspirada na realidade brasileira, realizada com o objetivo de transformá-la. Não seríamos com certeza os únicos, nem sequer os primeiros a empunhar a bandeira maior de nossa cultura original e própria, de nossa cultura mestiça, mas o fazíamos em momento de extrema significação, após a Semana de Arte Moderna de 1922 e antes da Revolução de 30. Com o dom divinatório dos poetas e a elevada consciência de nossa singula-

ridade, Alves Ribeiro definiu nos idos de 1928 as bases em que se assentaria para sempre o trabalho criador de todos nós. No mesmo ano em que José Américo de Almeida publicava, na Paraíba, o romance "A Bagaceira", marco inicial do chamado Romance de 30, literatura brasileira de sentido universal. Na Bahia, arremetíamos contra o passadismo, buscando a renovação literária na velha província por inteiro ornada com os arroubos da eloquência do padre Antônio Vieira, com a fulguração do verbo de Ruy Barbosa. O romance de José Américo provava a verdade de nossa proclamação.

Não houvesse a Academia de Letras da Bahia trocado a pobreza franciscana do Terreiro de Jesus pelas pompas do Solar Góes Calmon e apenas alguns passos teria eu de percorrer para atravessar os umbrais de sua porta, vindo de outra Academia, a dos Rebeldes, nem por debochada, irreverente e rebelde, audaciosa e revolucionária, menos academia de letras. Devido a curiosas circunstâncias, foi a Academia dos Rebeldes hóspede de venerável tenda espírita cuja sede encontrava-se instalada nas mais puras e dignas tradições kardecistas de fé e caridade no segundo andar de um dos casarões do Cruzeiro de São Francisco, em vossa vizinhança. Ou seja, na vizinhança do inimigo a destruir, pois em nossa visão adolescente a Academia de Letras da Bahia representava tudo quanto renegávamos, as concepções literárias que queríamos liquidar. Conseguimos liquidar apenas o sossego, a paz espiritual dos nosso generosos hospedeiros pois nenhum compromisso foi possível estabelecer entre o destempero de linguagem dos rebeldes, a feroz disposição guerreira, e a tranquilidade dos desencarnados vindos em missão de caridade dos altos círculos do universo: depois de nossa passagem já não houve espaço naquela tenda senão para espíritos inferiores, de boca suja e propósitos somente comparáveis aos nossos, tenebrosos.

Reuniram-se os rebeldes em Academia sob a égide de Pinheiro Viegas, poeta e panfletário — naquela época existiam os

panfletários, espécie literária atualmente em vias de extinção. Viegas tinha atuação marcante e polêmica nas páginas das revistas e das gazetas baianas. Poeta de rimas raras, epigramista de irreverência e veneno mortais, perfil de nobre espanhol no dizer de Agripino Grieco, outro panfletário, Pinheiro Viegas erguia a voz, empunhava a pena para desancar a retórica vã, a literatice a dominar os cenáculos científicos, a gramatiquice retrógrada, um universo de atraso, estreito e reacionário. Indignado Quixote, era natural que atraísse e comandasse jovens inconformados com o ambiente modorrento dominantes na vida intelectual baiana.

Transformando o rodapé literário de "A Tarde" numa trincheira de renovação literária, Carlos Chiacchio colocou a seu serviço todo o peso de sua condição de mestre indiscutível da crítica, capaz de consagrar poetas e ficcionistas, reuniu em torno de sua liderança uma esplêndida equipe de jovens apenas saídos da adolescência, inquietos e audazes. Ficaram conhecidos na história literária da Bahia (e do Brasil) como o grupo do "Arco & Flexa", devido à revista que agitou e inovou, escandalizou e fez escola. O título da revista, rótulo do grupo, já deixava clara a tendência nativista, brasileira, da literatura que aqueles moços cultivavam, na mesma linha dos rebeldes e daqueles outros bravos reunidos na revista "Samba", título igualmente esclarecedor. De um jovem desse último grupo comemoramos não faz muito os oitenta anos de vida e de magnífica poesia — falo de Bráulio de Abreu.

Nem por defenderem postulados idênticos, visando o mesmo objetivo de renovação, eram solidários entre si os componentes dos diversos clãs do modernismo baiano. Muito ao contrário: apesar de nos encontrarmos engajados na mesma guerra contra o inimigo comum — o atraso, a pasmação, o passado — para impor os postulados da renovação e afirmar a originalidade brasileira, disputávamos entre nós, negando-nos e insultando-nos uns aos outros. Esquecidos, em equivocada guerrilha, da razão maior da luta, descuidávamos do verdadeiro inimigo. Felizmente tais

rivalidades não deixaram sequelas, não criaram distância entre os componentes dos diversos grupos renovadores. Ao contrário, da veemência da mocidade cresceu no curso dos anos a admiração e a estima, tantas vezes fraterna, entre os engajados nas diversas frentes de luta da literatura que então se convencionou chamar de modernista, um passo à frente na batalha pela completa independência da literatura brasileira.

Além das discordâncias de grupos que nos separavam, encontrávamo-nos unidos na decisão e no desejo de denunciar os grandes nomes que, ao ver de todos nós, representavam escolas a combater na prosa e na poesia, tendência a sepultar de uma vez para sempre, nomes a riscar da história e dos compêndios de literatura. Negávamos, com extrema violência de linguagem e aparente convicção, os autores mais consagrados, valores tidos como definitivos. Não respeitávamos ninguém, para tanto declarávamo-nos rebeldes e modernistas. Como símbolos do passadismo e do modernismo proclamávamos dois romancistas maranhenses: Coelho Neto e Graça Aranha. Execrávamos o primeiro, exaltávamos o segundo, apresentando-os como opostos quando, em realidade, eram iguais. As distâncias entre o autor de "Sertão" e o de "Canaan" reduziam-se a nuances de estilos vazados ambos na mesma pompa de uma prosa castiça onde a pureza da língua literária lusitana de logo distanciava esses escritores do povo, elitistas um e outro, talvez ainda mais o modernista Graça Aranha do que o passadista Coelho Neto.

Ao lembrar o fogo cerrado de que foi alvo de morte a sul do Brasil o romancista Coelho Neto, aproveito o ensejo para contar como ele terminou por se transformar num espinho em minha garganta durante os ruidosos combates, quando agredíamos com total desfaçatez todos aqueles que pensávamos inimigos da causa do modernismo. Acontece que eu atacava rude e tranquilamente poetas e prosadores apresentados como exemplos da má literatura dominante, negando-lhes talento e importância, tratando-os de

mediocres e de decadentes, despidos de qualquer valor. Era-me fácil fazê-lo pois para isso, escudava-me no total desconhecimento da obra por eles realizada, entrincheirado em minha pujante ignorância. Para agredi-los, bastava-me sabê-los parnasianos ou membros da Academia Brasileira de Letras, onde situávamos o monstro do quartel-general das forças do obscurantismo.

Ora deu-se um fato insólito: de Coelho Neto eu lera um livro, um único. "A Conquista" e o encontrara magnífico. Assim, roía-me de remorsos quando me competia desancar o ficcionista maranhense que se tornara o símbolo principal de tudo quanto condenávamos em matéria de literatura. Pela primeira vez me dei conta a que absurdas injustiças nos conduz o espírito de seita, o sectarismo que limita e diminui o ser humano.

Citei os nomes de Pinheiro Viegas e de Carlos Chiacchio, mestres de rebeldia e de renovação, incentivadores e comandantes. Não foram, porém, apenas esses os únicos intelectuais consagrados na vida cultural do Estado que sustentaram, com seu aplauso e sua simpatia, os jovens iconoclastas e suas alarmantes teorias. Antes do Arco & Flexa e da Academia dos Rebeldes, existira e atuara a Nova Cruzada estabelecendo as primeiras condições para o surgimento do ciclo modernista ou da literatura moderna como preferíamos dizer nós, os rebeldes, já então desconfiados das limitações do modernismo.

Vale a pena lembrar alguns desses nomes consagrados que não se horrorizaram com o nosso aparecimento na cena literária. Em verdade foram vários mas limito-me a recordar aqueles com quem tratei mais de perto, cuja estima mereci, cujo apoio me foi fundamental no início de minha caminhada de escritor. Para mim são memórias sagradas.

Artur de Salles, cuja poesia, tão bela e poderosa, o colocava acima de escolas e grupos, admirado e querido por todos, figura ainda à espera de completa justiça literária que somente agora começa a lhe ser feita com o trabalho admirável da equipe do pro-

fessor Nilton Vasco da Gama e o não menos admirável ensaio do mestre de estudos literários que é o nosso ilustre Presidente. Tais análises e a recém-iniciada divulgação de sua poesia, vêm situar Artur de Salles no lugar que de direito lhe cabe em nossa literatura, entre os vates maiores, e abrem caminho para a biografia que nos trará de volta a personalidade invulgar de quem viveu, boêmio e pobre, uma vida de perene beleza.

Recordo Roberto Correia, magro e cativante, prosa mansa, bondoso coração; Bernardino José de Souza, Aloísio de Carvalho Filho e o professor Souza Carneiro, fascinante personagem, digno das páginas de um romance, progressista e batalhador. Catedrático da Escola Politécnica, substituiu qualquer professor, ministrando as mais diversas matérias. Senhor de imaginação e de magia, um mestre da vida, cujo nome pronuncio com ternura e com saudade.

Foi ele quem conseguiu alojar a Academia dos Rebeldes na sala do centro espirita para a cerimônia bem pouco solene de instalação, pois, além do mais, Souza Carneiro era uma espécie de papa das doutrinas esotéricas e das ciências ocultas da Bahia. Em sua ampla residência nos Barris, alcunhada de Brasil — por enor-me, desorganizada e entregue às baratas — nos abrigamos, os rebeldes, logo expulsos da sala espirita pelas óbvias razões já referidas. Seu filho Edison — o futuro mestre dos estudos sobre o negro brasileiro — figurava entre os membros mais combativos da novel agremiação e outro filho, o mais velho, Nelson, com ela simpatizava, se bem olhasse com certa reserva e alguma suspeita aquela agitação de incipientes literatos: já então o futuro senador Nelson Carneiro participava da vida política, líder estudantil de notória atuação. O professor Souza Carneiro não nos olhava com suspeita nem com reserva; ao contrário, dava-nos caloroso apoio, compartia de nossas inquietações, sustentava nossa batalha, em sua casa dos Barris, pobre e misteriosa. O professor, segundo afirmava, escondia no quintal um avião — um avião, sim senhores —

que lhe serviria para controlar do alto dos céus as próximas eleições às quais pretendia concorrer, candidato a deputado pela oposição. Nunca me foi dado ver o aparelho, bem camuflado certamente no mato ralo do terreno, mas quem ia duvidar que ele ali estivesse, pronto para decolar?

Alguns dos nomes em evidência na crônica intelectual do Estado, que, de uma ou de outra maneira, expressaram sua simpatia pelos jovens renovadores, seriam pouco mais idosos do que nós, mas já se haviam afirmado no conceito público. Desejo destacar entre eles dois alagoanos trazidos para a Bahia pelo renome de nossa Faculdade de Medicina. De todo o país, não apenas do nordeste e do norte, também das metrópoles do sul, vinham estudantes ávidos de aprender com os mestres da Escola do Terreiro de Jesus, erguida sobre o chão do antigo Colégio dos Jesuítas.

Um dos citados alagoanos chamou-se Artur Ramos e, fosse um pouco mais jovem, teria integrado a Academia dos Rebeldes. Com ele tocamos, penetramos o mistério dos candomblés, fizemos amigos de pais e mães-de-santo, de babalaós, de mãe Aninha e de Maximiano Eliseu do Bonfim, da jovem iyalorixá Menininha do Gantois, tão menina ainda e carregando já o peso de tanta responsabilidade, do perseguido pai Procópio, de Bernardino do Bate-Folha. Tornamo-nos não apenas estudiosos dos cultos afro-brasileiros e da cultura negra, tão fundamental na formação de nossa cultura nacional, fomos mais além e passamos a apoiar e a participar da luta do povo dos candomblés para preservar os valores culturais desembarcados da África no bojo dos navios de escravos. Valores que os colonizadores tentaram destruir a ferro e fogo e que os escravos, mesmo relegados à mais terrível e desgraçada condição humana, souberam defender e transmitir à nação brasileira. Essa luta prosseguiu e ainda prossegue nos dias de hoje — nela se engajaram os jovens rebeldes, jamais a abandonamos: a luta contra o preconceito racial, o mais monstruoso de todos os preconceitos.



O outro alagoano cuja audácia intelectual e brilho da inteligência privilegiada se tornavam conhecidos e admirados, foi Estácio de Lima, a quem tenho a honra de substituir nesta cadeira 21 da Academia de Letras da Bahia, que tem como patrono Francisco Bonifácio de Abreu, Barão da Vila da Barra.

Manda o protocolo acadêmico que, antes de falar sobre seu antecessor, o novo titular lembre no discurso de posse, ainda que em rápidas palavras, o patrono da cadeira e eu o faço agora, começando por ressaltar a condição de romancista de Francisco Bonifácio de Abreu, circunstância literária a nos aparentar um ao outro. Muito foram seus títulos e múltipla sua atuação intelectual. Barão da curiosa aristocracia mulata do Brasil, ostentando ao lado do brasão o nome do lugar onde nasceu, a Vila da Barra, na margem esquerda do rio São Francisco; médico ilustre; catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; tradutor da "Divina Comédia". Autor de poemas dramáticos nos quais celebrou as irmãs Moema e Paraguaçu, musas dos começos do Brasil, e saudou a beleza da Cachoeira de Paulo Afonso. Dos seus romances publicados, infelizmente só conheço os títulos, "Teresina" e "Palmira ou a Ceguinha Brasileira". Esse último título me encanta, parece-me extremamente sugestivo, posso imaginar toda uma saga humana narrada em folhetim de muitas aventuras.

Estácio de Lima tornou-se presença incomum em nossa vida cultural não apenas pela obra realizada, de cunho científico ou de cunho literário, mas também e muito pela fecunda capacidade de influir, de congregar, de abrir caminhos, de estabelecer a polêmica, de defender posições pouco ortodoxas; foi um promotor de cultura. Exatamente pela audácia de certas proposições e pelos temas que lhe foram mais caros, exerceu durante a longa aventura de sua vida um constante fascínio sobre a juventude e a intelectualidade e, sendo um mestre, um grande das Faculda-

des de Medicina e de Direito, jamais se tornou protocolar, jamais permitiu que a alta posição o afastasse dos jovens, dos estudantes, dos heréticos.

De certa maneira também ele suspeito de heresia, sendo de duvidosa ortodoxia na ampla e variada especulação de idéias a que se dedicou com ímpeto e com alegria. Penso ser importante salientar essa sua maneira de trabalhar: não fez da ciência um bicho de sete cabeças, restrita a pequeno círculo. Ao abordar temas dramáticos da vida nacional, especialmente do homem nordestino, não o fez com a tristeza da negação, não se vestiu de pessimismo e desespero para falar da luta secular e do infatigável combate dos sertanejos. Procurou, ao contrário, exaltar o heroísmo, a força de vida, a intrepidez e a dignidade a iluminar a face do "estranho mundo dos cangaceiros".

Tendo sido talvez o exemplo mais perfeito da tendência, nascida na Faculdade de Medicina e por muitos anos dominante na Bahia, dos estudos científicos os mais diferentes, serem redigidos com extrema preocupação literária — a ciência revestida das galas da linguagem — Estácio de Lima, ao mesmo tempo, subverteu essa tendência ao libertá-la do elitismo em que ela se desenvolvera anteriormente. A importância de sua obra decorre da pesquisa e do trato de aspectos da vida brasileira, de problemas decisivos de nosso povo, da região do nordeste onde campeia a miséria e corre o sangue dos iluminados e dos heróis das comarcas do latifúndio, em terra de senhores e servos.

Não seria ele próprio, Estácio, um iluminado? "Meus alunos das Faculdades de Medicina e de Direito — escreveu ele — passaram a assistir, ali, às aulas que ministrava, mostrando-lhes, ao vivo, aquelas criaturas graves, de alma empedernida e, ao mesmo tempo, de coração delicado. Grandes e impetuosos delinquentes, não se apresentavam eles sucumbidos ao cárcere, podendo-se perceber, e desde cedo, integrais condições de reabilitação. Passei a lutar pela

volta de todos à vida livre, para um trabalho fecundo, assim que os senti capacitados. Fui mal compreendido, no começo". Iluminado, Estácio não se curvou sobre o homem vendo nele apenas material de pesquisa, de estudo. Seu coração bateu em uníssono com os corações daqueles que a sociedade injusta, monopolizadora e cruel levava à luta do cangaço. Em "O mundo estranho dos cangaceiros", livro da minha particular estima, Estácio de Lima, para traçar o perfil de certos cangaceiros, de homens e mulheres da caatinga, escreveu páginas de verdadeira e terna poesia. Dadá, a viúva de Corisco, ele a apresenta como um "espírito forte, inteligência pronta, capacidade de luta, outrora nas caatingas, e, hoje, na Cidade... Enfrentava, antigamente, a tropa, com denodo... e hoje, vai bordando bordados delicados, para enxovais de noivas, ou cuidando, com ternuras de avó cavilosa, dos netinhos..." A escrita de Estácio de Lima faz-se íntima e solidária ao falar dos grandes capitães do cangaço e das mulheres mais intrépidas do mundo, de Maria Bonita a Dadá, as heroínas da epopéia inesquecível.

Ao publicar, em 1962, "A Aeroçoça e Outras...", Estácio confiou-me um exemplar para que eu o oferecesse à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, dando-me oportunidade e pretexto para dizer, na apresentação do livro aos senhores acadêmicos, tudo de bom que eu pensava sobre o professor, o ensaísta, o pesquisador, o responsável pelo Instituto Nina Rodrigues, e para lastimar que ele houvesse tardado tanto a abordar a ficção. Não lhe faltava vocação para os embates da criação literária: os contos que compõem o volume confirmam o talento inquieto de Estácio de Lima e sua larga experiência humana. "A Aeroçoça e Outras..." agrada-me antes de tudo por encontrar em algumas narrativas a reconstrução de ambientes e o levantamento de figuras da cidade de Salvador, o dengue das mulheres, a sedução e o mistério dos ritos e dos orixás — se bem não se reduzam às ruas de nossa cidade

bem-amada os caminhos percorridos por Maria da Soledade e tantos outros personagens.

Estácio de Lima foi buscar inspiração e matéria prima em caminhos urbanos e agrestes, por ele palmilhados em incessante pesquisa, familiares ao professor de Medicina Legal. A vaidade leva-me a lembrar que uma das histórias mais vivas do volume, "A Rua do Açouginho", é-me dedicada, prova de velha amizade: "à esse demônio do Jorge Amado".

Demônio, quem o seria mais, eu ou ele? Um demônio, Estácio de Lima, digo com a mesma cordial admiração e a enternecida estima com que ele usou o termo para se referir à minha atuação de escritor. Demônio porque fugiu da ortodoxia e fez-se rebelde a leis e convenções. Por que não se limitou ao conhecimento dos livros, às salas de aula, ao trato dos eruditos e foi labutar no meio do povo, no fundo do sertão e nas casas de santos, nos versos dos cantadores, nas rezas dos beatos, nas invocações dos encantados. O clarão dos combates, na luta contra o atraso e a injustiça, ilumina sua obra que permanece viva e atuante, depoimento meditado, grito de dor e de protesto. Nas páginas de seus livros o povo brasileiro sofre, luta e sonha.

Com a confiança e o apoio de tais personalidades, na tenda espírita, na casa de Souza Carneiro, no Café das Meninas, no Bar Bronswick, no Bahia Bar, nos salões dos castelos onde as formosas inspiravam e aplaudiam os literatos, nas ruas, becos e ladeiras da cidade, na rampa do mercado, nas feiras livres, nas festas populares, nas casas de santo com orixás e caboclos, no mar da Bahia de Todos os Santos e na navegação das ilhas e do rio Paraguaçu, misturada com o povo, aprendendo com ele, participando de sua luta, a Academia dos Rebeldes viveu e floresceu. Desse início de vida e de afirmação renovadora partiram todos os seus membros para realizar, cada qual com sua originalidade, uma literatura nacional de sentido universal, nascida e plantada na realidade brasileira, marcada pela singularidade baiana.

Vários dos moços que compuseram o grupo do “Arco & Flexa”, de tão importante atuação, de tão significativa presença na revolução literária empreendida nos fins da década de 20, vieram ocupar nesta Academia de Letras cadeiras que começaram a conquistar naqueles dias de combate quando se proclamou na Bahia a literatura moderna. Da Academia dos Rebeldes, apenas um dos seus membros aqui chegou para tomar posse de sua cadeira: o ensaísta e cineasta Walter da Silveira. Os demais, poetas, romancistas, críticos, foram nos deixando antes do tempo, são hoje estrelas nos céus da cidade, não chegaram a assumir as cadeiras da Academia de Letras da Bahia que lhes estavam reservadas pelo muito que fizeram e mereceram. Hoje, apenas dois dos moços que compuseram a Academia dos Rebeldes ainda estão vivos: o poeta Aydano do Couto Ferraz e eu próprio.

Senhores acadêmicos, meus companheiros, meus amigos: penso que ao tomar posse de uma das cadeiras de membro titular da Academia de Letras da Bahia, comigo nela se empossam igualmente todos aqueles jovens indomáveis que fundaram a Academia dos Rebeldes e, em sua trincheira, lutaram pela literatura e pela vida, pela Bahia e pelo Brasil. Assim sendo, desejo terminar pronunciando nesta hora e neste recinto onde também se luta pela Bahia e pelo Brasil, pela literatura e pela vida, os nomes dos rebeldes que já se foram, depois de cumprir o juramento feito: Pinherio Viegas, Alves Ribeiro, Da Costa Andrade, João Cordeiro, Dias da Costa, Edison Carneiro, Clóvis Amorim, Guilherme Dias Gomes, Emmanuel Assemany.

Resta-me dizer-vos muito obrigado, de todo o coração.